Moradores de Berlim observam a construção do muro, em 1961

© 1

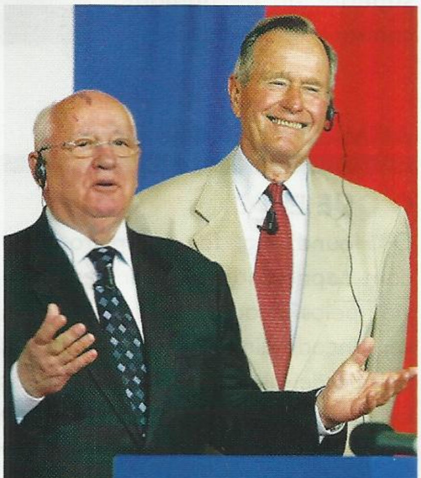
LEGADO

À SOMBRA DA CORTINA DE FERRO

QUASE DUAS DÉCADAS DEPOIS DA QUEDA DO MURO DE BERLIM, DISPUTA ENTRE OS EUA E A RÚSSIA EM TORNO DE SISTEMA ANTIMÍSSIL REVIVE CLIMA DA GUERRA FRIA

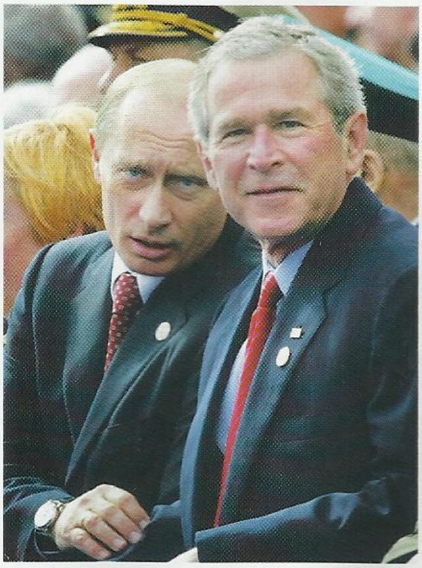
Na noite de 9 de novembro de 1989, milhares de manifestantes ajudaram a derrubar o Muro de Berlim. Erguido em 1961, o muro, com seus 66 quilômetros de gradeamento metálico, 300 torres de observação e 130 redes eletrificadas, era o maior símbolo da divisão do mundo em dois blocos, o capitalista e o socialista. Para muitos observadores, a derrocada do "Cortina de Ferro" marcou o fim da Guerra da Fria.

O regime socialista já vinha dando sinais de esgotamento havia vários anos. No início dos anos 80, a economia soviética encontrava-se à beira do colapso. As indústrias, obsoletas, não conseguiam suprir as necessidades básicas da população. Em agosto de 1985, o novo secretário-geral do Partido Comunista soviético, Mikhail Gorbatchev, anunciou a suspensão dos testes atômicos subterrâneos. Na época, o país gastava mais de 20% de seu PIB com a defesa – os americanos destinavam em torno de 7%. Para Gorbatchev, não fazia sentido manter o país numa corrida armamentista enquanto a população enfrentava longas filas para comprar pão, leite e outros produtos essenciais.



© 1

Os ex-presidentes Mikhail Gorbatchev e George Bush, em junho de 2005



© 3

Vladimir Putin e George W. Bush durante encontro em Moscou, em maio de 2005

Ainda em 1985, o líder soviético anunciou um audacioso programa de reformas políticas (Glasnost) e econômicas (Perestroika). Essas reformas ajudaram a diminuir a tensão entre o Leste e o Oeste, mas aceleraram o processo de desmantelamento da União Soviética. No dia 19 de novembro de 1991, Gorbatchev sofreu um golpe de estado liderado por comunistas de linha-dura. Os golpistas permaneceram menos de 72 horas no poder. O presidente da Rússia, Boris Yeltsin, liderou a resistência e saiu fortalecido. No dia 8 de dezembro, Yeltsin proclamou a independência da Rússia e a formação da Comunidade dos Estados Independentes, integrada também pela Bielo-Rússia e pela Ucrânia. Uma após outra, as demais repúblicas soviéticas ratificaram a decisão. Era o fim da União Soviética.

Para "vencer" a Guerra Fria, estima-se que os Estados Unidos tenham gasto, em média, 320 bilhões de dólares por ano com a defesa, ou cerca de 13 trilhões de dólares no total. Com o fim da Guerra Fria, os americanos e os russos (principais herdeiros dos soviéticos) reduziram significativamente seus arsenais. Isso não quer dizer que o pesadelo nuclear tenha terminado. Afinal, nos últimos anos, novos países, como Índia, Paquistão e Coréia do Norte, passaram a fazer parte do cada vez mais numeroso clube da bomba atômica. Além disso, houve o ressurgimento de um clima de tensão entre os Estados Unidos e a Rússia que parece lembrar os tempos da Guerra Fria.

PUTIN AMEAÇOU APONTAR OS MÍSSEIS RUSSOS CONTRA ALVOS NA EUROPA

No último mês de junho, o presidente russo, Vladimir Putin, adotou um tom agressivo em sua retórica contra os Estados Unidos, ameaçando que voltaria a apontar os mísseis nucleares da Rússia contra alvos na Europa, caso os americanos levem adiante seu projeto de instalar bases do sistema de defesa antimísseis na Polônia e na República Tcheca. O presidente americano, George W. Bush, afirma que a Rússia não tem nada a temer com a instalação de mísseis nesses dois países, pois os alvos seriam nações hostis aos Estados Unidos, como o Irã e a Coréia do Norte. Mas, segundo Putin, o real objetivo de Washington seria dispor de instrumentos para espionar o território russo e reduzir a importância estratégica da Rússia. "Isso (o plano americano) pode resultar em uma retomada da corrida armamentista, mas a responsabilidade não será nossa. Não fomos nós que colocamos em questão o equilíbrio estratégico", declarou Putin recentemente.

É pouco provável que Putin queira, de fato, ressuscitar a escalada armamentista da Guerra Fria. Mas o líder russo parece ter aprendido que seu país, mesmo não sendo mais a superpotência de outros tempos, conta ainda com um arsenal que pode convenientemente ser usado como moeda de troca para fins políticos. É uma das heranças da Guerra Fria. ■

© 4

Guardas da Alemanha Oriental vêem a derrubada do Muro de Berlim, em 1989

© 1, 2, 3, 4 AP